

O ACERVO HISTÓRICO DO LIVRO ESCOLAR: LEGADO DAS BIBLIOTECAS INFANTIS DA CIDADE DE SÃO PAULO E FONTE DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO¹

Azilde Andreotti

azilde@uol.com.br

Secretaria Municipal de Cultura de SP

Introdução

Em 1935 Mário de Andrade escreveu a Oneida Alvarenga, sua discípula: (...) “me perguntando como vou no departamento e imaginando que tenho bastante trabalho! Não é ‘bastante’ Oneida, nem mesmo ‘muito’, é formidável, é gigantesco, é absurdo, tomou conta da minha vida completamente, integralmente, todinha!”²

Essa declaração diz respeito ao Departamento de Cultura da cidade de São Paulo criado em 1935, como projeto herdeiro do movimento modernista, assimilado pelos dirigentes políticos do Partido Democrático e inserido no quadro de certa vanguarda intelectual que propunha inovações culturais. Mário de Andrade o dirigiu entre 1935 e 1937, impondo sua marca de intelectual e educador.

Com um programa que envolvia a promoção de ações dedicadas à educação e à cultura, necessárias a uma cidade que crescia e se urbanizava rapidamente, esse Departamento propôs a criação de parques infantis, a conservação do patrimônio histórico, o incentivo ao teatro, entre outras e previu em seu projeto inicial, uma Biblioteca Infantil.

Assim, em abril de 1936 foi inaugurada a Biblioteca Infantil Municipal, atual Biblioteca Monteiro Lobato, primeira biblioteca infantil pública do país ainda em funcionamento e até hoje localizada na mesma região: o bairro da Vila Buarque, predominantemente de classe média alta, na época.³ Afinal, nos anos de 1930, a criança letrada, público alvo da biblioteca, pertencia principalmente às camadas médias da população.

Uma pesquisa de 1938, publicada na Revista do Arquivo Histórico sob o título: *Condições Econômicas dos pais das crianças que freqüentam a Biblioteca Infantil*, registra o perfil dos freqüentadores da biblioteca nesse período. A partir de um questionário preenchido por 500 crianças, com informações sobre a profissão do pai e o bairro de moradia, a pesquisa concluiu que 34% dos freqüentadores da biblioteca eram de origem operária e 66% de origem não operária.⁴

A Biblioteca desenvolvia atividades culturais em torno do livro e da leitura dentro das novas concepções de educação e seu acervo, originalmente concebido para a literatura infantil, com muitas traduções pela escassez da produção nacional para esse gênero literário, foi acrescido de livros ou manuais escolares⁵ para uso de seus freqüentadores.

A proximidade com escolas, a formação de Lenyra Fracarolli, diretora da Biblioteca por 24 anos e normalista da Escola Caetano de Campos da turma de 1932 e a própria demanda das crianças fizeram com que por meio de aquisição dos poderes públicos e de doações das editoras um acervo específico para estudantes fosse integrado ao de literatura. “O espaço descontraído da biblioteca”, como afirmava Lenyra não excluía as

práticas desenvolvidas na escola: datas comemorativas, leitura silenciosa, festividades cívicas entre outras.

Nesse sentido a Biblioteca configurava-se em uma instituição cultural e de complementação escolar. O livro como material auxiliar na educação e a propagação da literatura infantil foram solo fértil para a criação da Biblioteca infantil. Sobre o uso do livro, AZEVEDO (1937), autor contemporâneo à criação da Biblioteca e um dos signatários do movimento da *Escola Nova*, destaca sua nova função na educação e o impulso que as bibliotecas tomaram com o movimento de renovação educacional.⁶ As atividades da Biblioteca, em torno da leitura, tinham um caráter pedagógico, obedecendo as recentes diretrizes quanto ao processo de aprendizagem, de participação da criança e do envolvimento a partir de atividades pessoais, diretrizes da *Escola Nova*.

Saviani (1986, p. 14), sobre a propagação da pedagogia da *nova escola* nos indica que,

[...] a “*Escola Nova*” organizou-se basicamente na forma de escolas experimentais ou como núcleos raros, muito bem equipados e circunscritos a pequenos grupos de elite. No entanto, o ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores acabando por gerar conseqüências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional. Cumpre assinalar que tais conseqüências foram mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito freqüentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento. Em contrapartida, a “*Escola Nova*” aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites.

A Biblioteca, junto à promoção da leitura e a divulgação da literatura infantil serviu de local para o estudo e a pesquisa escolar, diferentemente do que previa seu projeto inicial, como indica o parágrafo 1º, do art. n.38, do Ato n. 861, de criação do Departamento de Cultura, em 1935: *A Bibliotheca Infantil será installada e organizada de maneira a constituir um centro de atracção e de cultura infantil.* E no parágrafo 2º, *a Bibliotheca Infantil será constituída de obras nacionaes de literatura infantil e de traducções autorizadas de obras estrangeiras, histórias de figuras e revistas infantis recreativas e educativas, de mappas, gravuras, selos e moedas.*

Desde a sua origem, então, a Biblioteca compôs em seu acervo livros escolares e constituiu-se em local procurado para a pesquisa dos estudantes que a freqüentavam. Essa vocação se faz presente até os dias atuais, salvaguardando-se os diferentes contextos, é claro, segundo recente matéria divulgada pela imprensa de São Paulo.⁷

A nova função do livro, com a renovação dos métodos escolares é assinalada por AZEVEDO (1937, P. 198) sobre a necessidade da produção didática, de livros para cada matéria. As novas abordagens para o aprendizado escolar rejeitam a *rígida disciplina de livros padronizados*. A biblioteca, nesse contexto, cumpriria o papel de espaço onde a variedade substituiria o *livro único*, onde a criança poderia buscar “satisfazer à multiplicidade de seus interesses, de seus gostos, de suas aptidões e de suas necessidades”. (AZEVEDO, 1937, p. 201). O livro como *mais um elemento de cultura*, complementa o autor.

A Biblioteca Infantil foi o centro irradiador de uma dezena de outras instauradas na cidade de São Paulo entre os anos de 1940 e 1950. Ao longo do tempo essas bibliotecas foram retirando de circulação livros não mais apropriados para o uso do público

freqüentador, tais como: livros desgastados pelo manuseio, livros não mais procurados, livros de conteúdo desatualizado e as mudanças na nomenclatura. Esse material descartado foi resguardado na expectativa de definições oficiais quanto ao seu destino.

Em um trabalho de reconhecimento desses acervos descartados, constatou-se um número considerável de livros escolares de estimado valor documental. Com isso, iniciou-se uma pesquisa, em 2006, com o intuito de organizar um material para pesquisadores, iniciando com o apoio da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas formamos um acervo especial, o Acervo Histórico do Livro Escolar – AHLE, que compõe, atualmente, a Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Monteiro Lobato.⁸ Essa foi a origem do AHLE, sigla que usaremos para defini-lo.⁹

A preservação de fontes de pesquisa

No trabalho com fontes o relato do processo da pesquisa, desde a coleta, as dificuldades encontradas, o estado do material, a recuperação de documentos, as condições de guarda, sua preservação e organização esclarecem o percurso do trabalho, sua importância e especificidade.

Iniciamos um minucioso trabalho de verificação nos acervos retirados de uso na Biblioteca Monteiro Lobato e em outras bibliotecas infantis antigas (as inauguradas entre as décadas de 1940 e 1950).

A primeira etapa do trabalho de composição do AHLE foi o reconhecimento do que seria preservado e assim definimos um quadro de diretrizes de uma forma ampliada, para não correremos o risco de perdermos por omissão. Essas diretrizes foram construídas a partir da própria especificidade do conjunto de livros encontrados, a maior parte na Biblioteca Monteiro Lobato. Com isso foram considerados livros escolares, além daqueles que trazem sistematizados o conhecimento das diferentes disciplinas de ensino, os que são recomendados como de uso escolar, os que são recomendados para as escolas pelos órgãos oficiais; as antologias literárias, utilizadas para leitura na escola; literatura de uso escolar; ensino religioso nas escolas; material de aplicação de testes; cadernos de exercícios; livros para didáticos, tais como biografias, vultos da pátria, comportamento, etc.; livros de referência de uso escolar e também livros para a produção do livro escolar, no caso, livros de história utilizados como referência.

Dessa forma conseguimos formar o AHLE, com cinco mil livros, datados desde o fim do século XIX até a década de 1970, abrangendo todas as matérias de ensino e os cursos primários; os secundários; os de formação de professores (antigas escolas normais) e os cursos técnicos, percorrendo mais ou menos 80 anos consecutivos. Muitos livros não trazem a data de publicação e vários foram editados fora do país.¹⁰ Outros são de edições já avançadas, o que dificulta apontarmos com precisão o livro mais antigo do acervo.

Contamos com a referência, para a sua organização, do projeto da Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da USP, coordenada na época (em 2006) pela Profa. Dra. Circe Bittencourt.

Já disponibilizado para pesquisadores, esse acervo está organizado em uma planilha Excel e até o segundo semestre deste ano de 2010 será catalogado para consulta na base de

dados do Sistema Alexandria, que reúne todos os livros das Bibliotecas do município de São Paulo, incluindo os acervos especiais.¹¹

Com o auxílio de um estagiário, todos os livros foram revisados individualmente, em uma etapa de verificação do seu estado físico, como o número de páginas; as rasuras; a legibilidade; se estavam infectados etc. Revisão necessária também para oxigenarmos os livros, sem uso há muito tempo. Muitas vezes foi necessário ler-se a introdução ou prefácio dos livros para obtermos alguns dados informativos sobre o período, o grau de ensino, o público alvo ou o uso recomendado, trabalho contínuo, feito até hoje.

A importância da recuperação, da preservação e da disponibilização desse acervo de livros escolares é por tratar-se de um *material incomum*, descartado tanto pelas escolas, quanto pelo usuário do livro e que por uma circunstância legal, o fato de o livro ser bem patrimonial no âmbito do poder público, foram conservados pelas bibliotecas do município. São poucas as instituições que preservaram o livro didático. Como bem assinala com certa ironia, BAEZ (2006, p. 314), *os livros didáticos e científicos são descartados tão facilmente como as teorias ou dados que eles defendem*.

Chama a atenção os diferentes objetivos e olhares sobre o livro ou qualquer outro potencial documento de estudo. É o intuito do pesquisador que promove um objeto à fonte de pesquisa. Índícios que motivam o descarte de um livro, tais como manuseio, desgaste, conteúdos defasados, as ressalvas (anotações de leitores) etc., são elementos muitas vezes fundamentais para a investigação científica. É o pesquisador, seu olhar indagador ou suas questões que transformam documentos em fontes de pesquisa, como bem assinalou HOBBSAWM (1998, p. 220).

O livro escolar como fonte de pesquisa: algumas considerações

Como instrumento pedagógico, o livro escolar é expressão de conteúdos, de métodos de ensino, mas também de ausências, do que foi excluído e não explicitam o seu uso na prática educativa.

Nesse sentido a reunião de informações, muitas vezes fragmentadas e as conexões com um universo mais amplo, transformam esse material em significados explicativos, que contribuem para o conhecimento do processo educacional e não se tornem apenas fragmentos esparsos do passado. Nas palavras de HOBBSAWM (1998, p. 229), *não só descobrir o passado, mas explicá-lo e ao fazer isso, fornecer um elo com o presente*.

Para tanto o livro escolar é um material que não deve ser supervalorizado, pois por si só não contém um caráter elucidativo; a problematização dentro de um quadro explicativo e de um referencial teórico; o cuidado para não nos deixarmos influenciar por uma visão impregnada do presente e a necessidade de historicizá-los são alguns procedimentos que atribuem ao livro escolar seu valor documental para a pesquisa.

Objeto da cultura, o livro escolar insere-se em um ambiente pedagógico específico e em um contexto histórico e cultural, como produto da intencionalidade do processo educativo que por sua vez está impregnado pelos vários interesses que compõem determinada organização social.

A par disso os livros escolares podem ser estudados em várias áreas do conhecimento histórico. Por exemplo, ao resguardarem uma forma de expressão que se alterou com o tempo, proporcionam a recuperação dos modos de comunicação e de linguagem entre o autor, o editor e a criança e o jovem escolar. As diferentes edições de um mesmo título oferecem revisões do livro, novas ilustrações, capas diferentes, informações que caracterizam as mudanças editoriais e o percurso da produção do livro escolar.

A preservação desses livros implica também a preservação da memória educativa e cultural de várias gerações que passaram pelas bibliotecas infantis da cidade de São Paulo, pois a maioria dos livros apresentam bolso com o cartão para empréstimo e o registro da frequência com que foram retirados. A história e a função dessas bibliotecas ao longo do tempo transparecem nesse acervo, que além de fonte de pesquisa, tem um apelo reminescente, de recordação.¹²

Considerações finais

O objetivo principal deste texto foi apresentar um acervo de livros escolares, para divulgá-lo junto a pesquisadores, como também destacar a importância de reunirmos fontes para a indagação científica.

A constatação que bibliotecas públicas preservaram esse material, o caso da criação do AHLE, pode ensejar outras iniciativas. Há muito que se investigar no país para levantarmos fontes de pesquisa. SAVIANI (2004) destaca a importância dessas iniciativas e a necessidade de uma política de fontes para a História da Educação.

Recentemente a Profa Dra. Olinda Maria Noronha apresentou, no evento Comunicações em História da Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP o resultado de seu trabalho, que versa sobre o tema, sob o título: *Contribuição para a História e a Historiografia da Educação Brasileira: os manuais escolares das bibliotecas públicas municipais de Campinas/SP (1889-1970)*.¹³

Temos a intenção de digitalizar parte do acervo para facilitar o acesso ao material e também para preservarmos os originais. Já foram digitalizados uma dezena de livros do século XIX e disponibilizados para uso sem fins comerciais. O acervo foi composto a partir dos livros das bibliotecas infantis públicas da cidade de São Paulo e não tem previsão de ser ampliado, a não ser por doações pertinentes a sua especificidade.

Sem dúvida a contribuição desse acervo para a pesquisa em História da Educação revela que a coleta, a organização, a preservação, a divulgação e a disponibilização de fontes é ainda um campo de trabalho a ser garimpado. Assim esperamos colaborar para os estudos na área, para o intercâmbio com outras instituições e também provocarmos uma reflexão sobre a importância do resguardo de fontes de pesquisa.

Referências

ATO nº 861, de 30 de maio de 1935. A Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, nº 12, de maio do mesmo ano, traz a íntegra dessa lei.

AZEVEDO, Fernando. *A educação e seus problemas*. São Paulo: Melhoramentos, 1937.

BAEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HOBBSAWM, E. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAVIANI, D. *Breves considerações sobre fontes para a história da educação*. In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. M. *Fontes, Histórias e Historiografia da Educação*. Campinas, Autores Associados. 2004.

¹ O processo de composição do Acervo foi apresentado, ainda na fase de coleta e de organização, no VIII Congresso Ibero americano de História da Educação, em 2007, publicado nos Anais com o título: *Proposições sobre um acervo de livros escolares*. Algumas características desse Acervo foram destacadas na VIII Jornada do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR) em 2008, sob o título: *Livros Escolares: fonte de pesquisa para a História da Educação*.

² ALVARENGA, O. (org.) ANDRADE, Mário. *Mário de Andrade e Oneyda de Alvarenga: cartas*. São Paulo, Duas Cidades, 1983.

³ Sobre a Biblioteca Infantil Municipal verificar ANDREOTTI, Azilde. *Livros escolares: o legado das antigas Bibliotecas Infantis Municipais de São Paulo*. Texto apresentado no Simpósio Internacional – Livro Didático: Educação e História, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e publicado nos Anais do Simpósio, 2007.

⁴ Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, n.64 de 1940.

⁵ Manuais escolares é o termo mais comum utilizado para definir livros escolares das várias matérias de ensino. Os acervos organizados em base de dados na França (*Emanuelle*) e na Espanha *Projeto (Manes)* utilizam *manual* para identificar o livro escolar. Há várias conceituações sobre o tema e a necessidade de melhor defini-lo. Neste texto usarei livro escolar para identificá-los.

⁶ Fernando Azevedo foi Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo na década de 1930.

⁷ “Maioria vai a biblioteca para fazer pesquisa”, título da matéria sobre o primeiro censo das bibliotecas municipais do país, divulgado pelo Ministério da Cultura. Folha de São Paulo, Caderno C, p. 4, 01/05/2010.

⁸ Essa Seção, voltada para pesquisadores, resguarda o Acervo Monteiro Lobato, o Acervo Memória da Biblioteca e é um centro de referência da produção literária infantil e juvenil do país.

⁹ Alguns acervos similares ao AHLE: *Biblioteca do Livro Didático* da Faculdade de Educação da USP e o Banco de Dados *LIVRES*; *Memória da Cartilha* da Biblioteca Setorial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; *Centro de Alfabetização, leitura e escrita – CEALE*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁰ Sobre as editoras do século XIX, verificar BITTENCOURT, Circe. *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)* In: Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 30, 2004.

¹¹ O AHLE como acervo especial para pesquisadores do Sistema Municipal de Bibliotecas da cidade de São Paulo está registrado no site: www.prefeitura.sp.gov.br, ícone *Secretaria da Cultura*. Um blog traz pequenos textos divulgando a abrangência do AHLE: www.acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com

¹² A função e a organização das bibliotecas ao longo do tempo é tema presente no livro organizado por: BARATIN, Marc e JACOB Christian. *O poder das Bibliotecas, a memória dos livros no Ocidente*. Rio de

Janeiro, UFRJ, 2006. São 14 textos a partir de um simpósio sobre bibliotecas na Biblioteca Nacional da França em 1993. Publicado em 1995, somente agora foi traduzido para o português.

¹³ Evento “Comunicações em História da Educação” promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR) e pelo Departamento de Filosofia e História da Educação (DEPHE), em 29 de abril de 2010.